

Do outro lado está um fanfarrão, um sevandija, o Dr. Adhemar de Barros. Há, ainda, o líder Carlos de Lacerda da Guanabara, do meu partido. O Sr. Arrais, em Pernambuco. E, de repente, aparece, ressurgindo das cinzas, como a Fênix, refratária do poeta Domingos Carvalho da Silva, o homem de quem sempre discordamos, o fronteirista, um homem com características especiais, um homem que não encara pessoa nenhuma de frente, um homem de cabeça baixa que servia de chacota. E este homem, hoje, Srs. deputados, talvez não tenha acertado especificamente nas suas teses. Mas ainda há pouco conversava eu com um ilustre deputado médico desta Casa e que me antecedeu na tribuna, que é uma das grandes figuras desta Assembleia e a quem admiro muito como representante da cidade de Araçatuba, e que não é muito mais velho do que eu, o deputado Troncoso Perez, a quem conheço há muito tempo, e este deputado me dizia que todo o cidadão que abre uma porta às vezes pode abri-la errado. E dizia ele que Freud, quando descobriu o inconsciente e quando exagerou sobre a influência do inconsciente, na vida do homem, ligado ao sexo, foi um Cristóvão Colombo. Depois dele, outros aperfeiçoaram.

O Sr. João Goulart, que estava no ostracismo na Granja do Torto, o homem tímido, o homem de cabeça baixa, o fronteirista, o homem de olhar baixo, o homem que serviu de chacota, de repente, deu ao Brasil a angústia de alguns problemas, problemas que são meus, de meu filho, de minha filha, de minha mulher, problemas que são do povo. E, com isto, faz eclipsarem-se completamente os líderes tibios, os líderes omissos, os líderes hesitantes e os líderes fanfarrões. Dizem que esse homem não tem povo; mas, se se fizesse um plebiscito hoje, o povo estaria com esse homem. Não vou discutir as teses; os erros da tese. Ninguém vai me dizer que o aproveitamento do livro didático por uma família inteira seja uma tese errada. Proven-me. Ninguém vai me dizer que se ensina comunismo na Geografia. Não podemos tirar o Pico do Itatiaia do lugar onde está, para colocá-lo na Rússia. Ninguém vai me dizer que se pode ensinar russo ou comunismo através da língua portuguesa. Não é possível, Srs. deputados. A padronização do livro nada modifica. A Matemática é uma só; o Português é um só, a Geografia é uma só. Então, falam que pode vir aí uma História marxista. Eu não sou marxista. Em meu tempo de menino, aprendi que o Brasil foi descoberto por acaso; hoje, os historiadores declaram que não foi por acaso, que foi intencionalmente. Que mal existe? São pequenas nuances da História.

O Sr. Luciano Nogueira Filho (Com assentimento do orador) — Nobre deputado Arruda Castanho, quero contribuir para o brilho do discurso que V. Exa. vem fazendo e evitar que V. Exa. cometa um equívoco que não está à altura da inteligência de V. Exa. A História não é uma só. É interpretada e essa interpretação varia profundamente. Como V. Exa. sabe, até o culto dos heróis depende da interpretação do historiador. Mas, nobre deputado, V. Exa. que é um homem culto, que conhece esse assunto, sabe que a teoria da História se modifica e, em consequência, modifica-se a interpretação da História. Quando se critica que o governo pode, através da História, deturpar a mentalidade da juventude brasileira, é porque pode aplicar, na História brasileira, os métodos de interpretação materialista. E, então, reduz o eminente General patrono do Exército Brasileiro a um protetor dos latifundiários, por exemplo.

O Sr. ARRUDA CASTANHO — Muito bem, nobre deputado, eu chegaria lá. Aliás, fui obrigado a fazer mais um curso universitário, há pouco tempo — e terminei há dois anos — e tive que estudar História novamente. E V. Exa. tem razão: a teoria da interpretação da História varia. A História pode ser modificada e há diferença entre historiador e historiógrafo. Historiógrafo é aquele que pega os documentos e prova os fatos históricos.

Assim, nobre deputado, cremos que a influência do governo, só se poderia sentir na História, porque a Geografia é imutável, a menos que, com o tempo, se modifique a paisagem. A Geografia humana é a mesma, o Português é o mesmo e o governo não vai bolchevizar um livro para dar à população, e nós não permitiremos isso.

Nós não queremos que seja adotada, por exemplo, uma História do Brasil, que é a história dos fatos econômicos e sociais, do Sr. Caio Prado Júnior, a qual eu acho boa em alguns pontos, ou do Sr. Nelson Werneck Sodré, que deu uma guinada do fascismo da camisa verde para o comunismo.

Mas, que a medida de dar livros padronizados para as famílias é uma medida que ninguém pode combater, isto é certo. Minha filha está hoje no Colégio Mackenzie e usa no seu curso Clássico um livro de matemática do Prof. Osvaldo Sangiorgi, da Cia. Editora Nacional. Amanhã, se eu tivesse um filho que fosse para o Clássico o ano que vem, eis que meu filho já está na Faculdade, talvez não pudesse usar o mesmo livro que ela está usando hoje, porque elas modificam a capa, fazem uma revisão melhorada e o professor exige o novo livro, não servindo mais o antigo. Mas o que foi modificado: 2 e 2 não representam mais 4? As regras modificaram-se? Não. Então, nobres deputados, eu falo num caso só, porque as teses do Sr. João Goulart são teses que ai estão desafiando a opinião pública, angustia os alunos. Eu dei um exemplo somente não quero entrar nas teses, ainda que deveriam ser estudadas ponto por ponto.

Mas a verdade é que o homem humilde, trôpego, de olhar baixo, o fronteirista, o homem que era ridicularizado, acabou com os líderes nacionais, acabou com os líderes da democracia cristã, acabou com os líderes que estavam aí com as suas teses.

O Sr. Cardoso Alves — V. Exa. dá licença para uma aparte?

O Sr. ARRUDA CASTANHO — Não dou o aparte a V. Exa., porque sei que ele seria capcioso. O que o meu querido amigo e chefe Janio da Silva Quadros — nosso chefe, diz o deputado Araripe Serpa — tentou fazer e não fez, o que vários homens desta República pensaram fazer, fez o Sr. João Goulart. O Exército, na sua cúpula, está com o Sr. João Goulart, os sargentos estão com ele; o povo também está com ele. Quem então, está contra o Sr. João Goulart? Um pequeno grupo, respeitável grupo, porque respeito as suas idéias. Mas, Srs. deputados, o homem que se arvora em líder da resistência democrática, o atual ocupante dos Campos Elísios, quais são suas credenciais? Quais as suas credenciais? Que obras realizou?

O Sr. João Batista Botelho — V. Exa. permite um aparte?

O Sr. ARRUDA CASTANHO — Abriu, por acaso, a carteira de crédito do Banco do Estado, para auxiliar o lavrador? Fechou. A deu melhores condições aos operários? Espalderou-os com o DOPS. Para a grita da fome, o "brucutu" e para a grita da miséria o imposto da fome. Esse é o segundo Dr. Pangloss da República, porque o primeiro é o Sr. Juscelino Kubitschek de Oliveira, que acha que tudo vai muito bem e o segundo, como disse, é o Dr. Adhemar de Barros, que não tem credencial nenhuma para liderar coisa nenhuma. E ele é a resistência democrática. Que povo está arregimentando esse homem hoje?

Soube agora que há um comício amanhã, num bairro periférico, para a preparação da grande marcha dos falsos beatos. Aposto que não terá 100 pessoas nesse comício, a menos que estejam lá guardas civis transformados em paisanos e homens do DOPS, porque o homem não tem liderança nem para falar a 100 pessoas.

Pergunto ao homem que se via na angústia de ter que alugar uma casa com dois cômodos e cozinha por 60 mil cruzeiros se não está contente com o que preconiza o Sr. João Belchior Goulart, que regulamentou a lei hoje. Pergunto se não está dando vivas ao homem que não sei que origem tem, não sei se era contrabandista de fronteira, se foi pupilo do Sr. Getúlio Vargas. Isso não me interessa. O que interessa é que ele apresentou ao povo teses que interessam ao povo e vamos agora ver quem tem povo.

E' o povo que tem o filho na escola e não aproveita o mesmo livro do ano anterior; é o povo que tem que pagar aluguel; é o povo que não tem terra e que vive explorado pelos que têm terra. Não são os homens do meu bairro do Jardim Paulista, Jardim América e Jardim Europa, nem os homens do Wall Street paulistana, os banqueiros, que têm que aplaudir o ato do Sr. Presidente da República. Quem tem que aplaudir é o povo. E se se fizer um plebiscito hoje veremos que o homem que representa as aspirações do povo é o Sr. João Goulart.

E fala-se, então, em fazer uma resistência democrática, chefiada pelo Romão dos Campos Elísios, esse bifeiro. Porque chamavam eles, os homens do Dr. Adhemar de Barros, que nesta hora não vêm aqui defender o seu chefe, somente todos, chamavam o Sr. Janio Quadros de bifeiro, mas bifeiro é esse que estava com o Sr. Luís Carlos Prestes, na campanha eleitoral, com o rosário no bolso de trás. E já estendia o Partido Comunista e não precisa historiógrafo ou historiador para dizer isso, pois a história é recente, mas hoje ele é o anticomunista. Hoje, ser pelas reformas, é ser comunista. Então, estamos diante de uma opção. Ou somos contra a reforma, ou somos comunista. Pergunto aos Srs. deputados: onde fico eu? Não sou comunista. (Muito bem!) Onde ficam vários homens desta nação? Não são comunistas. E não vão dizer que eles sejam inocentes úteis, crypto-comunistas, esses chavões usados pelos encasacados da Light e das companhias estrangeiras. Nós não somos comunistas. Não somos marxistas. Somos cristãos. Também rezamos, porque somos católicos. E não podemos ficar a favor de nenhuma medida que o Sr. João Belchior Marques Goulart tomou, porque não há lugar mais para democratas. Ou se é comunista pelas reformas, ou não se é comunista, contra as reformas. E a barricada vai ser feita nos Campos Elísios. O Sr. Adhemar de Barros vai ser o homem que vai chefiar a resistência às reformas. Sei que hoje ele está amado mesmo. E disse na Rua Direita, ao fazer compras no dia do comício da Guanabara, que não há um canivete para se vender em São Paulo. O acreditamos. S. Exa. aumentou o efetivo da Força Pública, armou-se. Mas para ser chefe é preciso que se tenha o povo a seu lado. E o povo sabe escolher.

O Sr. PRESIDENTE — (Fazendo soar a campainha) — Nobre deputado Arruda Castanho, a Presidência solicita a V. Exa. que discuta a proposição a respeito da qual V. Exa. se inscreveu para falar.

(E' dado um aparte sem solicitação).

O Sr. ARRUDA CASTANHO — Eu sei qual, nobre deputado. Trata-se do projeto do agilíssimo, inteligente e brilhante deputado Ariovaldo Roscetto, que autoriza o Instituto de Previdência do Estado a estabelecer convênios com hospitais do interior, para atendimento dos funcionários que lá residem e que não podem vir a São Paulo, doentes, para ser atendidos no Hospital do Servidor Público. Eu sei a matéria que está sendo discutida, nobre deputado Luciano Nogueira Filho.

O Sr. Luciano Nogueira Filho — V. Exa. permite um aparte, já que foi citado no seu discurso?

O Sr. ARRUDA CASTANHO — Vamos discutir o assunto...

O Sr. Luciano Nogueira Filho — E' para discutir. (Assentimento) Acho que o assunto vem em hora muito oportuna, pois na sua aparência de convênio tão modesto ele está a demonstrar pois, aquilo minha tese de que a democracia é que sabe reformar, a democracia é que sabe pôr o Estado em condições de servir aos homens. E aí está o exemplo de como o regime democrático, através da cooperação do Executivo e Legislativo, pode criar condições para atender ao funcionário necessitado de serviços médicos. Esse tema mereceria que V. Exa. citasse em seu discurso como um adinifculo às reformas de base, que não são privilégios da esquerda.

O Sr. ARRUDA CASTANHO — Perfeitamente, nobre deputado.

Mas, lembre-se V. Exa. que esse mesmo governo autorizou convênios com o Padre Baleiro, na Secretaria da Educação, e deu em negociação! Este o problema, nobre deputado.

Não somos contra convênios. Mas é preciso que esse convênio não se transforme, como ocorreu no Secretaria da Educação. Aliás, a lei do deputado Ariovaldo Roscetto já teve um mérito porque, quando apresentou a lei, os assessores palacianos pressurosamente fizeram uma regulamentação copiando a lei de S. Exa. E, hoje, já há esses convênios.

Concordo que é a maneira democrática de se fazer esses convênios. Mas é preciso que não se façam esses convênios "metendo a mão" no dinheiro do funcionalismo público, como se "meteu a mão" com esse Padre aí, Jesus! "vade retro" Satanaz Baleiro.

O problema é de homens, de administradores.

Não acredito que o diabo! depois de velho se tenha tornado ermitão, embora saiba manusear um rosário à frente das câmaras de televisão.

Tem o aparte o nobre deputado João Batista Botelho.

O Sr. João Batista Botelho — Nobre deputado, pedi o aparte apenas para mais uma vez tranquilizar-lhe, porque a tese que o nobre deputado aborda neste instante nós a estamos apoiando, desde que iniciamos esta legislatura, não com a propriedade, com o brilhantismo de V. Exa.

O Sr. ARRUDA CASTANHO — Obrigado a V. Exa.

O Sr. João Batista Botelho — V. Exa. vereador e deputado por três vezes, toda São Paulo sabe que nunca teve negócios com os comunistas.

O Sr. ARRUDA CASTANHO — Não sou comunista. Sou católico-apostólico-romano, como outros podem ser espíritas. Repito: não sou comunista.

O Sr. João Batista Botelho — Sinto-me então à vontade, porque V. Exa. é um deputado que São Paulo todo conhece que é anti-comunista, como eu. Não aceito o comunismo. Quero congratular-me porque um deputado como V. Exa. colabora com a tese que pregamos.

O Sr. ARRUDA CASTANHO — O projeto do nobre deputado Ariovaldo Roscetto poderá transformar-se num negócio, num negócio escuso. Não podemos confiar num governo que ontem foi objeto de inquérito por negócios escusos na C.M.T.C. Daí não confiar na boa execução do projeto Ariovaldo Roscetto. Contra as chamadas "reformas", o Sr. Adhemar, além do "brucutu", tem uma arma... Se alguém pensa que estou fazendo obstrução, engana-se! Só quero deixar bem claro que não vamos permitir que o Governador de São Paulo use este projeto para fazer negócios à margem, como foram feitos na Secretaria da Educação. E não é preciso um pesquisador de história em alfarrábios procurar com lentes, com lupas os atos antigos para saber quem é o Sr. Adhemar de Barros. A história está aqui. E' de hoje. E' de ontem. Quem é que negociou com a firma "Polaris", inexistente, ectoplasma, que só tinha escritório, que condicionou motores da C.M.T.C. e recebeu milhões de cruzeiros? O Sr. Adhemar de Barros! Quem é que fez os negócios até nos cemitérios da Prefeitura? O Sr. Adhemar de Barros! Quem é que recebeu um título de administrador sem probidade por um tribunal? O Sr. Adhemar de Barros! Daí, Sr. Presidente e Srs. deputados, este modesto deputado fazer algumas restrições ao projeto do deputado Ariovaldo Roscetto. Tudo que se faz aqui é aproveitado pelo Executivo como veículo para os seus negócios. Eu pediria a atenção dos poucos deputados que ficam nesta Casa, que o P.S.P. já fugiu e os satélites também... — estão preparando a passadeira de amanhã — para lembrar aqui um caso interessante: é o caso da isenção de impostos para o leite. A Assembleia pretendeu isentar de impostos o leite, para baixar o preço do produto. E era o escândalo. Eu estava contra a isenção.

Havia vários Deputados a favor. Era o escândalo, porque eram os úberes dos donos dos laticínios a peitar Deputados, a comprar, a subornar e a anarmentar Deputados. A Assembleia Legislativa não votou aquilo e eu, modestamente, não permiti que votasse. Assim fizeram inúmeros outros Deputados. Aqui era escândalo. A coisa se transferiu para o reino da Dinamarca e lá, sem que fosse ouvida a Assembleia, sem que houvesse uma mensagem, o onisciente, o prepotente Governador Adhemar de Barros resolve suspender por 90 dias a cobrança do imposto de vendas e consignações sobre o leite. Será que os úberes não estão lá no reino da Dinamarca, onde há algo de pôdre? Será que é tão bom o negócio, que o próprio Governador permitiu que se espalhasse para criar clima contra a Assembleia, que ele sempre espezinhou e desprezou? Então foi esta a encampação, mas não das refinarias e sim dos negócios do leite. Raciocinamos assim: negócio errado na Assembleia é certo para o Governador? Por que a folha de serviços e de honestidade desse Governador é conhecida do povo de São Paulo? Quando o "Diário Oficial" do Estado de São Paulo

que é usado para achincalhar o Poder Legislativo, publicou o decreto do Governador isentando o leite do imposto de vendas e consignações, ninguém disse nada. E todos sabem que o homem inaugurou no País um sistema novo — o das caixinhas. A caixinha é repartida com a evasão dos proprietários: cada um pega um pedaço e vai embora. Será que o Sr. Governador de São Paulo teria medo de que fossem repartidas suas terras de São Manoel de Lencóis Paulista e de outros lugares? Teria ele medo de que repartissem o Jardim Leonor? Lá ainda há muita terra.

Teria ele medo de que fosse encampada a sua fábrica de tecidos de Pôrto Feliz? Teria ele medo de que fossem fugir com o seu chocolate Lacta? Teria ele medo de que fossem fugir com seus latifúndios, com a Cachoeira dos Índios?

— (São dados apartes anti-regimentais.)

O Sr. PRESIDENTE — (Fazendo soar a campainha) — Os apartes devem ser solicitados — Nobre deputado Arruda Castanho, a Presidência solicita a V. Exa. ater-se à matéria em discussão. A Presidência solicita a colaboração de V. Exa. no sentido de elevar o nível dos trabalhos parlamentares, em respeito ao Regimento Interno da Casa.

O Sr. ARRUDA CASTANHO — Nobre deputado Presidente, vou obedecer ao Regimento desta Casa, do qual V. Exa. é guardião, principalmente hoje que não está aqui o fura Regimento, o rasga Regimento, que se chama Hilário Torloni, e que os membros do P.S.P. abandonam seu chefe nos ataques dos deputados, porque sabem que o Governador não tem defesa.

O Sr. Wilson Lapa — V. Exa. permite um aparte?

O Sr. ARRUDA CASTANHO — Concedo o aparte ao ilustre representante do Partido de Representação Popular, ex-Partido Integralista, de Plínio Salgado, com muita honra.

O Sr. Wilson Lapa — Devo dizer a V. Exa., nobre deputado Arruda Castanho, que estas indicações quanto à minha posição política são inteiramente dispensáveis, porque pertenço a esta agremiação desde os 14 anos, há 30 anos milito nela, e me sinto muito honrado por isso. Quero apenas dizer a V. Exa. que se os companheiros de Adhemar de Barros, principalmente do Partido Social Progressista, se encontram ausentes, e por acaso não estejam contestando as palavras de V. Exa., é apenas por uma razão muito simples: De nada adiantaria. V. Exa. é um homem cuja posição de combate ao Sr. Adhemar de Barros é reconhecida em São Paulo e o discurso que V. Exa. está pronunciando hoje, as acusações que está fazendo ao Sr. Adhemar de Barros já nos causam certa náusea, certo nojo, mesmo porque ainda ontem V. Exa. fazia as mesmas acusações. Se se der ao trabalho de ler o "Diário Oficial" que publicou seu discurso de ontem, verificará que o seu discurso é o mesmo, as acusações são as mesmas. Daí ficarmos ouvindo pacientemente V. Exa. até que se escoe o tempo regimental que tem para ocupar a tribuna. Mas, na realidade, não tememos essas acusações. Muito menos o Dr. Adhemar de Barros que, como disse a V. Exa., é um homem sem medo. A história da sua vida registra sua bravura, sua valentia, sua coragem na defesa do seu governo, das suas posições políticas que não são tomadas em silêncio, as portas fechadas, são tomadas, assim como V. Exa. está vendo, colocando-se em posição abertamente em defesa das liberdades democráticas, da soberania do Estado de São Paulo, ameaçada pelos poderes da República, como ontem ainda se verificou e verificou-se anteontem, quando da presença do emissário do Presidente da República a São Paulo a fim de levar a efeito a baderna confusão em nossa Capital.

O Sr. ARRUDA CASTANHO — Nobre deputado, o projeto do deputado Ariovaldo Roscetto pode transformar-se num negócio. Quanto a chavões de discurso, eu conheço bem o de V. Exa. É o mesmo de sempre, o mesmo discurso. Só que eu falo como calpura, com meu linguajar próprio, enquanto V. Exa. é um condoreiro, tem pretensões a Castro Alves sem melenas. Mas o seu discurso é sempre o mesmo: contra a reforma agrária, contra o combate ao latifúndio, contra o Sr. João Goulart, hoje adhemarista, ontem janista, ante-ontem carvalhista. Mas sempre, desde a sua juventude de camisa verde, em Fernandópolis talvez, ou talvez naquela região, V. Exa. tem também um discurso estereotipado. É sempre o mesmo "slogan", defendendo o latifúndio, o dono da terra, aquele que oprime o trabalhador e que defende o privilégio.

Se eu falo as meias coisas do Sr. Adhemar de Barros é porque ele é o mesmo homem e eu também sou o mesmo. Eu não posso mudar, pois se ele não mudou... E V. Exa. também não mudou, continua o mesmo, defendendo o governo, seja ele qual for, defendendo a tese do latifundiário contra a tese do camponês, ou melhor, do lavrador, pois não se pode mais usar a palavra camponês, pois dizem que ela é comunista, o direito de propriedade, da sesmaria, do latifúndio. Essa não, excelência. Nunca vi V. Exa. nesta tribuna a defender o operário escaldeado, o pequeno lavrador, o pequeno homem de sindicato. V. Exa. defende sempre o poderoso. E o Sr. Adhemar de Barros é o seu poderoso no momento, como já o foram os Srs. Janio Quadros e Carvalho Pinto.

O Sr. Wilson Lapa — V. Exa. está enganado. V. Exa. ouve e não entende.

O Sr. ARRUDA CASTANHO — Eu não, minha atitude é sempre a mesma. Conheço o seu discurso de cor. Só não sei usar o tom declamatório de V. Exa., imitando o grande poeta Castro Alves. V. Exa. quer ser um Castro Alves sem melenas, mas o conteúdo do seu discurso é sempre o mesmo.

Eu não combato o Sr. Adhemar de Barros por antipatia pessoal.

O Sr. Wilson Lapa — V. Exa. é homem insensível. Não consegue dar autenticidade